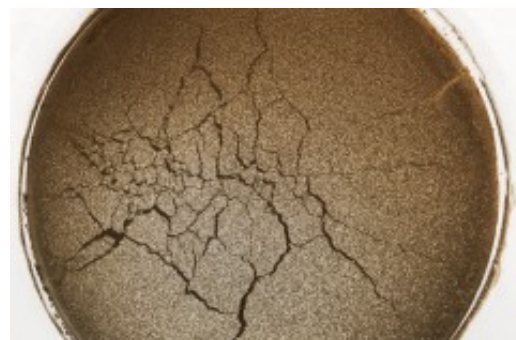


09/08/2019 - 05:00

Tatiana Salem Levy: Ailton Krenak, Bolsonaro e o desmatamento da Amazônia

Por **Tatiana Salem Levy**

O governo Dilma já havia sido terrível para a Amazônia e os povos indígenas. A usina hidrelétrica de Belo Monte será uma mancha eterna num governo do qual se esperava uma obsessão menor pelo crescimento econômico que depreda o nosso planeta e envenena a nossa comida. O desmatamento da Amazônia cresceu estupidamente naquela altura. Mas eis que, no instante em que imaginávamos estar chegando ao fundo do poço, descobrimos que o poço não tem fundo. Se o governo Dilma foi terrível para a Amazônia e os povos indígenas, não há palavra para descrever a política de Bolsonaro. Terrível é quase nada.



Uma área equivalente a mais de três campos de futebol tem sido desmatada na Amazônia a cada minuto. Invasões a terras indígenas têm sido cada vez mais reportadas. No Amapá, garimpeiros invadiram a aldeia Mariry, assassinando o cacique Emyra Waiãpi. Deu no "The New York Times", no "El País", no "Le Monde", mas Bolsonaro não se incomoda. Ao contrário, sente-se muito à vontade nesse papel de herdeiro da colonização, que acredita que floresta existe para ser desmatada e virar pasto de gado cheio de hormônio, plantação de soja transgênica e extração de minério. Eis o ápice de um pensamento que propaga, desde o século XVI, que as civilizações indígenas estão um passo atrás na escala evolutiva e precisam ser catequizadas, doutrinadas e controladas para alcançarem um estágio superior.

E o pior é que nós crescemos aprendendo essa ladainha na escola. Acreditando que quando os portugueses aqui chegaram havia índios mas já não há. Que índios são seres do passado e os que sobraram devem ser assimilados para trabalhar como garimpeiros em "suas" terras, como afirmou o atual presidente. Que o Brasil é incrível porque, sendo tão grande, consegue unir todos seus habitantes com uma única língua. Nunca aprendemos que há quase trezentas línguas faladas no Brasil. Que os índios querem continuar vivendo como índios. Que progresso não é sinônimo de inteligência.

Aliás, podemos dizer que, muitas vezes, chega a ser sinônimo de burrice. Desde quando destruir a própria casa é sinal de brilhantismo? O aquecimento global não é futuro distante nem está prestes a acontecer, ele já é a nossa realidade. Quem se lembra de um verão tão quente na Europa? Gelo derretendo, nível dos mares subindo e a gente ainda queimando floresta, lançando dióxido de carbono nos ares, mercúrio nas águas... De que outros exemplos esse governo e seus apoiadores precisam para entender que estão queimando a própria canoa? Até quando os donos do Brasil vão continuar odiando o Brasil?

Life, always: Aílton Krenak at TEDxVilaMadá



Alguns meses atrás, por ocasião da mostra de cinema "Ameríndia", realizada na Fundação Gulbenkian, em Lisboa, tive a oportunidade de assistir à conferência "Ideias para Adiar o Fim do Mundo", de Aílton Krenak. Aílton esteve na Flip no mês passado e acabou de lançar um livro com esse título (pela Companhia das Letras). Quem o ouviu falar talvez tenha pensado na mesma canção que eu, na voz do Caetano: "Um índio descerá de uma estrela colorida e brilhante. (...) E aquilo que nesse momento se revelará aos povos/ Surpreenderá a todos, não por ser exótico/ Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto/ Quando terá sido o óbvio."

Aílton nasceu em 1953 na região do rio Doce, em Minas Gerais. Desde o início da década de 80, tem se dedicado ao movimento indígena, sendo um dos fundadores da União das Nações Indígenas (UNI) e da Aliança dos Povos da Floresta. Aílton, pertencente à tribo Krenak, ficou conhecido pelo seu discurso na tribuna, durante a Assembleia Constituinte em 1987, quando pintou o rosto de preto com a tinta do jenipapo para protestar contra o retrocesso na luta pelos direitos dos índios.

Ao ouvi-lo no Instituto de Ciências Sociais da cidade que outrora foi o berço colonizador, de onde saíram as caravelas que levariam o chumbo e os vírus que mataram a extensa maioria das tribos indígenas do Brasil, era impossível não ficar comovida. Não pensar no poema de Oswald de Andrade: "Quando o português chegou/ Debaixo de uma bruta chuva/ Vestiu o índio/ Que pena!/ Fosse uma manhã de sol/ O índio tinha despido/ O português." Ou no aquecimento global, na destruição avassaladora da Terra, na estupidez e na tristeza que é sermos nós, "seres evoluídos", a destruir não só a nossa casa, mas também a casa dos outros.

Aílton tem ideias para adiar o fim do mundo, porque viu seu mundo ser destruído séculos atrás. Apesar do extermínio de centenas de tribos que aqui viviam, os índios resistem, re-existem, afirmam-se enquanto tais. Têm muito a ensinar aos brancos que estão prestes a ver o seu mundo acabar.

Ainda não li "Ideias para Adiar o Fim do Mundo", mas aconselho vivamente uma ida às livrarias em busca de um exemplar do livro "Aílton Krenak", da série "Encontros", da Azougue Editorial, que reúne uma série de entrevistas e depoimentos com o líder indígena, de 1984 a 2013. A partir dos textos compilados, entendemos a relação entre os índios e a política no Brasil desde a retomada da democracia até o governo Dilma. Percebemos de que forma a identidade do índio foi esvaziada. E encontramos muitas pérolas para o mundo contemporâneo, frases "óbvias" como: "Para continuar sendo os países mais ricos do mundo, precisa ter mundo!"

Aílton mostra como o governo brasileiro nunca se dirigiu aos povos indígenas como nações, com o intuito constante de assimilá-los. A partir da Segunda Guerra, começou a vigorar a leitura de que "os índios, enquanto seres estranhos à nacionalidade, precisavam ser rigorosamente vigiados, porque eram potenciais inimigos

internos." Ailton comenta como a elite brasileira ficava incomodada com que o mundo visse o Brasil na cara do Raoni, pois há mais de 500 anos vem vendendo o retrato do branco. Diz ele: "pessoal da senzala, das malocas, não pode sair por aí se exibindo de tanga, botoque e cocar. O incômodo é tão grande para uma parte da elite brasileira que é mais ou menos como se vocês estivessem exibindo um segredo de família para o público."

Temos muito a aprender com os índios. Desde como educar crianças em contato com a natureza, livres, até o entendimento de que "o cosmos é um lugar só", passando por uma política que se baseia em alianças afetivas. É certa a sua percepção: "As alianças políticas possibilitam coisas constrangedoras, como um presidente da República que gostaria de matar seu vice-presidente ou um vice-presidente que adoraria explodir uma bomba no avião do presidente." A cultura indígena não se funda na escrita, mas os índios sabem ler o mundo como ninguém, porque nunca se dissociaram da terra e seus sinais. Numa entrevista de 1991 para o "Jornal do Brasil", ele diz: "depois de ter desenvolvido toda a tecnologia nuclear, de os homens terem descoberto que podem construir um míssil que captura outro míssil, será que não ocorre a eles que era mais fácil não fazer míssil nenhum? Essa ideia do míssil que caça míssil para mim é o exemplo de uma civilização superespecializada em fazer nada." Nós somos os loucos que jogam "bombas para cima, pensando que vão flutuar, sem perceber que irão explodir nas suas [nossas] cabeças".

Faz mais de 500 anos que no Brasil estamos nos distanciando de nossa ancestralidade. Agora é hora de parar para ouvir o índio que está descendo de uma estrela colorida e brilhante para nos revelar o óbvio.

Tatiana Salem Levy, escritora e pesquisadora da Universidade Nova de Lisboa, escreve neste espaço quinzenalmente

E-mail: tatianalevy@gmail.com